

artigo]

menção
honrosa



[108]

É importante ressaltar que a pesquisa apresentada por Aline Machado nas Sessões de Comunicação Oral despertou a atenção e curiosidade da comissão científica e dos participantes do Colóquio de Moda. Não é sem razão.

Aline, com muita sensibilidade e perspicácia, e respaldada pela prática docente, percebeu a crescente inclusão de alunos surdos nos cursos técnicos e superiores de Moda e a necessidade de facilitar a comunicabilidade entre estes e seus intérpretes na tradução dos termos técnicos de moda na Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Neste artigo *Os termos de moda na Língua Brasileira de Sinais*, Aline recupera detalhadamente a elaboração desse inovador estudo, desenvolvido durante o mestrado e defendido recentemente, apresenta o método de construção de sinais na Libras, avalia os resultados, que são bem promissores, e traz ainda as vozes dos participantes da pesquisa, como a professora mediadora (Aline), as alunas surdas e os tradutores e intérpretes, tornando evidente que a criação de sinais específicos para os termos técnicos de moda na Libras certamente trará contribuição relevante aos estudantes surdos – favorecendo o ensino, a aprendizagem, a comunicação e, por conseguinte, a acessibilidade ao ensino superior de Moda – e, igualmente, aos tradutores e intérpretes da Libras.

Assim, esperamos que você, como nós, atente para a importância e contemporaneidade desse tema – a educação inclusiva – e, principalmente, para o interesse e a escuta sensível de Aline. Tudo indica que o estudo desta jovem pesquisadora, com muito mérito premiado com a Menção Honrosa na 1ª Edição do Prêmio Excelência Acadêmica Gilda de Mello e Souza, terá muitos desdobramentos e projeção.

Kathia Castilho e Tula Fyskatoris
Editoras de dObra[s]

[ALINE MACHADO]

Mestre em Design, Educação e Inovação pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) e especialista em Moda, Criatividade e Inovação pela Faculdade de Tecnologia Senac de Porto Alegre (Fatec). Atualmente, é professora no curso superior de Tecnologia em Design de Moda e no curso Técnico em Vestuário do Instituto Federal Rio Grande do Sul (IFRS), campus Erechim. Na mesma instituição, desenvolve a pesquisa *O design de moda na Libras e o uso das tecnologias de informação na acessibilidade comunicativa dos surdos no ensino superior*.

E-mail: alinemachadoucpel@gmail.com

Os termos de moda na Língua Brasileira de Sinais

The fashion terms in the Brazilian Sign Language

[109]

[resumo] Este artigo apresenta o desenvolvimento de um método que possibilita a criação de sinais na Língua Brasileira de Sinais (Libras) para os termos técnicos e específicos de moda. A metodologia utilizada foi a da pesquisa-ação educacional e para análise dos resultados utilizou-se o viés de pesquisa participativa. A constituição de sinais na Libras para os termos de moda serve de apoio aos tradutores e intérpretes da Libras, garante a assimilação de novos conceitos pelos alunos surdos e contribui para promover a acessibilidade comunicativa destes nos cursos de ensino superior de moda.

[palavras-chave]

surdez; Língua Brasileira de Sinais; Libras; moda.

[abstract] This study presents the development of a method which enables the creation of signs on Libras (Brazilian Sign Language) for the specific technical terms of fashion design. The chosen methodology was research-action, and the analysis of the results was made by the line of participatory research. The development of fashion-related terms in the Brazilian Sign Language provides support for translators and interpreters of Libras as well as ways to the assimilation of new concepts by deaf students; it also contributes to the promotion of those signs into the communication accessibility in the high education fashion courses.

[keywords] deafness; Brazilian Sign Language; Libras; fashion.

Segundo o Censo Demográfico realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 9,8 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Desse total, 2,6 milhões são surdos e 7,2 milhões apresentam dificuldades para ouvir.

As perdas auditivas, de acordo com Carmozine e Noronha (2012), podem ser classificadas quanto ao grau da seguinte maneira: pessoas com déficit auditivo são classificadas como perda da audição leve (média limiars de 26 a 40 decibéis), moderada (média limiars de 41 a 70 decibéis), severa (média limiars de 71 a 90 decibéis) e profunda (média limiars acima de 90 decibéis).

A Lei federal n. 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto-Lei n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a segunda língua oficial do Brasil e, de acordo com o decreto, surdos ou pessoas com surdez são aqueles indivíduos que, "por ter uma perda auditiva, compreendem e interagem com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras" (BRASIL, 2005).

Para Carmozine e Noronha (2012, p. 70), "a Educação Inclusiva visa à busca por formas de integrar o aluno e não a que o aluno com necessidades educacionais especiais se adapte aos diferentes ambientes escolares". Sendo assim, os surdos têm se afirmado como grupo social com base em relações de diferença e, por esse motivo, têm reivindicado os seus direitos ao acesso de um ensino de qualidade que considere as suas diferenças linguísticas e culturais (QUADROS, 2012).

No ensino superior de moda, assim como em diversas áreas profissionais, existem termos técnicos específicos, relacionados com as atividades realizadas na profissão, que não fazem parte do vocabulário comum. A ausência de sinais que representem palavras do vocabulário técnico do design de moda resulta em dificuldades não somente para os intérpretes da Língua Brasileira de Sinais na tradução dos termos e expressões específicas do universo da moda, mas também para os alunos surdos no entendimento desses termos.

Conforme Brod Júnior (2009), para haver a inclusão social dos sujeitos surdos é necessário assegurar-lhes a autonomia por meio da comunicação, apreensão e compreensão do conhecimento. Por esse motivo, torna-se imprescindível a compreensão dos termos técnicos específicos da profissão pelos surdos, para que eles possam adquirir maior conhecimento e autonomia no processo de inclusão no ensino superior.

Segundo Treptow (2007, p. 18), "o *designer* de moda deve manter os olhos atentos às novidades da moda". A indústria da moda é uma das mais globalizadas do planeta e se movimenta rapidamente. Assim, a cada temporada, novos termos são criados, além da grande quantidade de termos sem representação já existente, por isso, há a necessidade de o designer manter-se atualizado. A situação apresentada se traduz nas dificuldades encontradas pelos alunos surdos e, igualmente, por seus intérpretes para a tradução de termos e expressões específicas da área do design de moda em Libras.

A seguir apresenta-se um método de construção de sinais na Libras para apoiar os processos de ensino e aprendizagem dos alunos surdos inclusos no curso superior de Tecnologia em Design de Moda da Universidade Católica de Pelotas.¹

Surdez, acessibilidade e educação superior

A discussão de questões sobre a inclusão dos surdos no ensino superior do país ainda é recente, pois há poucas pesquisas realizadas nessa área.

Segundo o Censo da Educação Superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 2003 havia 344 surdos matriculados em cursos superiores presenciais. Em 2008, esse número aumentou para 1.450 e de acordo com os dados relativos ao censo de 2011, consta que dos 8.961.724 alunos que se matricularam no ensino superior brasileiro, aproximadamente 29 mil (0,32%) possuíam algum tipo de necessidade educacional especial (NEE), destes,

cerca de 5 mil (17% do total) com deficiência auditiva, 2 mil (11%) surdos e 211 (0,72%) com surdo-cegueira (BRASIL, 2011). Tendo em vista o acréscimo gradual de alunos surdos matriculados em cursos de graduação, constata-se que isso é o resultado das ações das políticas públicas e educacionais.

No entanto, Bruno (2001, p. 456) esclarece que, apesar de inúmeras políticas públicas e educacionais existentes para a inclusão dos surdos, "no momento do ingresso ao ensino superior, a fragilidade das práticas pedagógicas não permite ainda, de forma satisfatória, o acesso à comunicação, à informação e ao conhecimento para a permanência neste nível de ensino".

Um dos aspectos fundamentais para que seja desenvolvido um processo de ensino-aprendizagem que supere a ideia do conhecimento apenas como apanhado de informações é a forma como se estabelece a interlocução professor-aluno. O fato de o professor saber quem é o seu aluno pode facilitar na escolha de estratégias e tornar o conhecimento com mais sentido para ele. Essa ótica faz parte de um processo educacional que concebe a educação como um movimento de formação de subjetividades e não apenas de assimilação de informações.

De acordo com Enricone (2008, p. 7),

vários educadores têm refletido sobre a prática docente no ensino superior, enfocando o compromisso com a função social da universidade, [...] a interação do professor e aluno e sala de aula e a articulação entre as novas metodologias, os recursos tecnológicos e os objetivos formativos propostos.

[111]

Muitos questionamentos surgem sobre a melhor prática a ser utilizada a fim de proporcionar aos alunos surdos uma educação de qualidade. É importante que esse método considere as necessidades educacionais desses alunos e possibilite a total integração deles no ambiente universitário.

Conforme Facion (2008), tendo como base a proposta da Escola Inclusiva e da Educação para Todos, o professor pode vir a desempenhar um papel fundamental, pois é por intermédio de suas ações educativas que a inclusão pode ser efetivada. Ao se deparar com um aluno surdo em sala de aula pela primeira vez, entende-se que, muitas devem ser as indagações do professor, tais como: De que forma devo fazer as intervenções para promover a aprendizagem do aluno? Como deverei planejar as aulas? O que posso fazer e o que não posso? Qual a melhor estratégia de ensino que permite a inclusão do aluno surdo?

Primeiramente, é importante que o professor procure conhecer a realidade do aluno surdo, suas características culturais, linguísticas e os seus processos cognitivos, o que, segundo Gesser (2012, p. 13), "um dos princípios do celebrado educador Paulo Freire é de que todo professor-educador deve começar com o conhecimento que os alunos já possuem na vida".

Gesser (2012) também afirma que o professor deve pensar no uso, combinação e/ou transformação de métodos de ensino, priorizando o contexto, a situação e as necessidades dos aprendizes. Portanto, antes de se questionar quanto às práticas educacionais que deverá utilizar, o professor precisará buscar respostas para as seguintes questões: Inicialmente, quem é o aluno surdo? O que é Libras? O que é o bilinguismo? Como se dá o processo cognitivo nos surdos? Quais suas necessidades educacionais? O que a legislação prevê para a inclusão dos surdos? Depois de pensar no surdo enquanto sujeito histórico pertencente a um grupo, ele poderá propor metodologias de ensino-aprendizagem.

Quadros (1997) ressalta que é importante que o professor considere a realidade psicossocial, cultural e linguística do aluno surdo e busque formas de adequar as suas metodologias de ensino ao bilinguismo, pois a compreensão do professor do que implica ser surdo é um fator decisivo para a eficiente interação entre ele e seus alunos surdos.

Os papéis do professor e do tradutor intérprete

A Lei n. 10.463 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais assegura aos alunos surdos o direito a ter um tradutor intérprete para realizar a interpretação da Libras e da língua portuguesa de forma simultânea e consecutiva.

Carmozine e Noronha (2012) evidenciam que a atuação do intérprete serve de apoio para que o aluno surdo possa ter acesso aos conteúdos abordados nas disciplinas e também possa interagir com professores e colegas, por meio da mediação da comunicação proporcionada pela tradução da língua oral para a língua de sinais e vice-versa.

No entanto, é importante ressaltar que apenas o acesso aos conteúdos disciplinares traduzidos para Libras não garante o aprendizado e a compreensão pelos alunos surdos. De acordo com Masetto (2012, p. 81-82), ao falarmos em aprendizagem, referimo-nos ao desenvolvimento de um sujeito nos diversos aspectos de sua personalidade, a saber:

Desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, de pensar, de raciocinar, de refletir, de buscar informações, de analisar, de criticar, de argumentar, de dar significado pessoal às novas informações adquiridas, de relacioná-las, de pesquisar e de produzir conhecimento; desenvolvimento de habilidades humanas e profissionais que se esperam de um profissional atualizado: trabalhar em equipe, buscar novas informações, conhecer fontes e pesquisas, dialogar com profissionais de outras especialidades dentro de sua área e com profissionais de outras áreas que se complementam para a realização de projetos ou atividades em conjunto, comunicar-se em pequenos e grandes grupos, apresentar trabalhos; desenvolvimento de atitudes e valores integrantes à vida profissional: a importância da formação continuada, a busca de soluções técnicas que, juntamente com os aspectos tecnológicos, contemplem o contexto da população, do meio ambiente, as necessidades da comunidade que será atingida diretamente pela solução técnica ou por suas consequências, as condições culturais, políticas e econômicas da sociedade, os princípios éticos na condução de sua atividade profissional e que estão presentes em toda decisão técnica que se toma.

[112]

Para Masetto (2012, p. 82), "a ênfase na aprendizagem como paradigma para o ensino superior alterará o papel dos participantes do processo". Ao aluno cabe o papel central de exercer as ações necessárias para que aconteça sua aprendizagem, e ao professor cabe o papel de mediador pedagógico entre o conhecimento e seus alunos.

Sousa (2012) aponta que cabe ao professor, enquanto mediador entre os saberes e o aluno, estar atento aos aspectos cognitivos do sujeito e escolher a forma mais adequada para a comunicação pedagógica. Ao tradutor e intérprete da Libras cabe o papel de intercessor da comunicação, traduzindo de forma simultânea e consecutiva os conteúdos abordados nas disciplinas e mediados pelo professor.

A moda e a Língua Brasileira de Sinais

O aumento constante da inclusão dos surdos que se encontram em universidades e em cursos técnicos dos mais diversos segmentos tem, cada vez mais, gerado a necessidade do desenvolvimento de sinais referentes aos termos técnicos específicos desses cursos.

Na área da moda são utilizados muitos termos técnicos para indicar, por exemplo, o nome dos tecidos e aviamentos, detalhes dos produtos e costuras, os diferentes profissionais que trabalham na indústria da moda e termos referentes aos períodos históricos da evolução da indumentária e da moda.

Desse modo, a partir da análise e experiência adquirida enquanto docente da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), no curso de Tecnologia em Design de Moda,

onde, a partir de 2010, tem ocorrido a inclusão de alunos surdos, identificou-se como um possível problema as dificuldades encontradas por esses alunos e por seus intérpretes para a tradução de termos e expressões específicas da área do design de moda na Libras.

Pensando nesses aspectos, buscou-se desenvolver um método que possibilitasse a criação de sinais na Libras para os termos técnicos específicos da área da moda visando apoiar os processos de ensino e aprendizagem em cursos superiores de moda.

O estudo foi realizado na UCPEL, mais especificamente no curso superior de Tecnologia em Design de Moda.

Constituíram-se participantes desse estudo os segmentos: uma professora (mediadora); duas alunas surdas do curso superior de Tecnologia em Design de Moda da UCPEL, uma já formada tecnóloga em Design de Moda e a outra regularmente matriculada no segundo semestre do curso; cinco tradutores e intérpretes da Libras, participantes do Grupo de Estudos Surdos (GES) da UCPEL; e profissionais contratados pela UCPEL para mediar a comunicação entre os ouvintes e os acadêmicos surdos matriculados nos diversos cursos oferecidos pela instituição.

Para realizar a possível inter-relação entre os dados, identificou-se cada participante por nome de uma flor. Desse modo, a aluna surda, já formada, foi identificada como Rosa; a aluna surda matriculada no curso foi identificada como Violeta; e os tradutores e intérpretes da Libras (TILS) foram identificados como Cravo, Margarida, Tulipa, Jasmim e Lírio. A opção por nomes fictícios deve-se ao fato de acreditar-se que essa forma de identificação possibilita melhor tratamento aos sujeitos envolvidos.

Para esse estudo optou-se por utilizar os princípios pedagógicos da pesquisa-ação educacional que, segundo Tripp (2005), é uma estratégia que possibilita aos professores e pesquisadores utilizarem suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência disso, o aprendizado de seus alunos. A colaboração é uma das características desse tipo de pesquisa, pois o conhecimento obtido na pesquisa-ação propõe-se, na maioria das vezes, a ser compartilhado e disseminado por meio da rede de ensino.

Tripp (2005) esclarece ainda que a pesquisa-ação possui quatro fases ou ciclos básicos: inicia-se com a identificação do problema, passa para o planejamento de uma solução, depois para sua implantação, em seguida para seu monitoramento e, por fim, faz-se a avaliação de sua eficácia, conforme pode ser observado no diagrama (Figura 1).

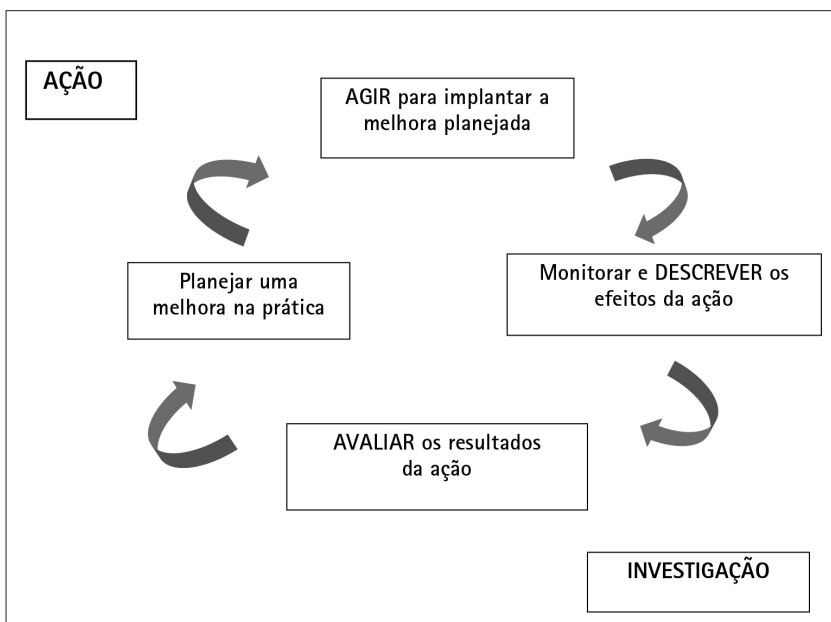


Figura 1: Diagrama de representação do ciclo básico da pesquisa-ação. Fonte: TRIPP (2005, p. 446).

Com a finalidade de simplificar o entendimento da trajetória realizada para o desenvolvimento desse estudo, apresenta-se a seguir um diagrama das fases da pesquisa, contemplando os objetivos geral e específicos, de acordo com os ciclos descritos por Tripp (2005).

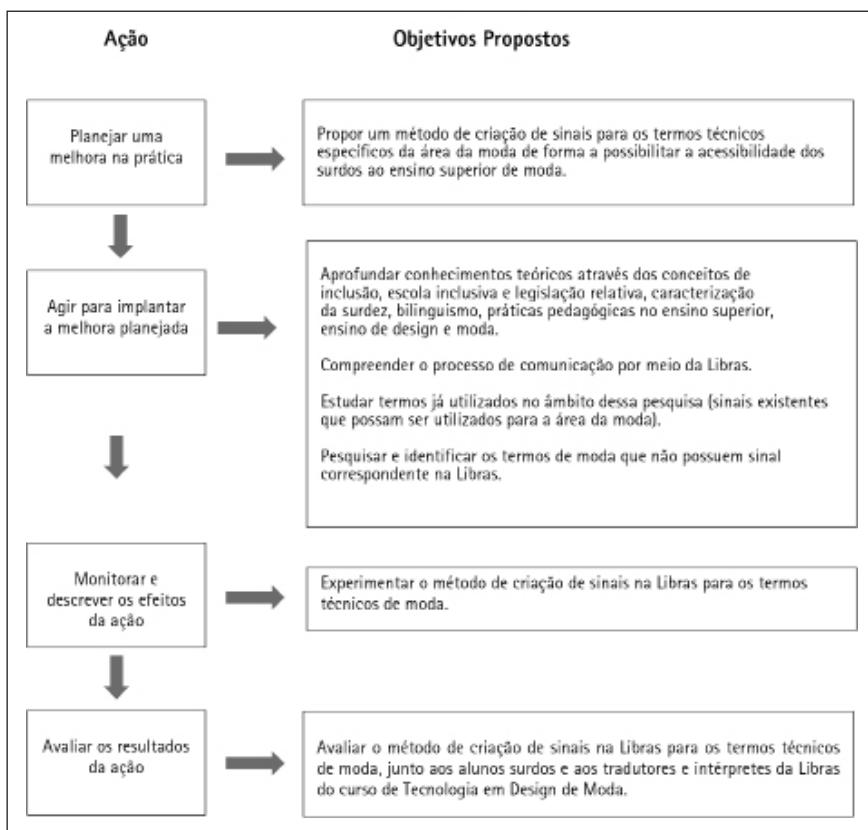


Figura 2: Ciclo da pesquisa-ação. Fonte: Aline Machado.

Na primeira fase da pesquisa, foram realizadas entrevistas com os tradutores e intérpretes da Libras e os alunos surdos com o objetivo de compreender quais eram as maiores dificuldades encontradas em sala de aula em seu processo de ensino e aprendizagem. Com essas informações, passou-se para a segunda fase da pesquisa, que consistia em planejar uma melhora na prática. Assim sendo, realizou-se a revisão bibliográfica, na qual se buscou coletar dados que ajudassem na identificação do aluno surdo, sua identidade e diferenças culturais, para que se pudesse tratar de aspectos pedagógicos em uma perspectiva de aprendizagem.

A terceira fase, que consistia na implantação da melhoria planejada, realizou-se um estudo com base em Quadros e Karnopp (2004) sobre a estrutura da Língua Brasileira de Sinais. Esse estudo objetivou compreender como ocorria a morfologia (a formação dos sinais), a sintaxe (as combinações dos sinais para a formação das sentenças), a semântica (o significado do sinal e da sentença) e a pragmática (a relação entre a linguagem e o contexto) na Libras. Ainda na terceira fase, foram realizados o monitoramento e a descrição dos efeitos da ação, na medida em que eram experimentados e testados vários métodos para a criação e catalogação dos sinais novos criados para os termos de moda.

Na fase da avaliação dos resultados da ação, seguiram-se as recomendações de Thiollent (2000, p. 41) de que "a avaliação dos resultados é efetuada pelos participantes e pelos pesquisadores. Os resultados são difundidos sem restrição".

Para a coleta de dados, na quarta e última fase da pesquisa, optou-se pela entrevista. Elas foram realizadas com os intérpretes por meio de questionário impresso

e com as alunas surdas por intermédio de vídeo, com tradução simultânea da Libras para a língua portuguesa e vice-versa, possibilitando, dessa forma, que as alunas pudessem se expressar com a Língua Brasileira de Sinais.

A análise dos dados foi realizada com base no método "hermenêutico-dialético", proposto por Minayo (1994), com o qual a fala dos participantes da ação foi situada em seu contexto, de modo que houvesse uma melhor compreensão. De posse dos dados, foram realizados os seguintes passos: a transcrição de gravações, a releitura do material, a organização dos relatos e dos dados, a classificação dos dados e, por fim, a análise final desses dados.

Avaliação dos resultados

A Língua Brasileira de Sinais, assim como a língua portuguesa, apresenta algumas restrições para a formação de novos enunciados. Desse modo, existem regras que estabelecem as combinações que são possíveis ou não possíveis entre os parâmetros de configurações de mãos, movimento, locação, orientação da palma da mão e aspectos não manuais, como as expressões faciais e corporais.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que um falante nativo da língua possui a liberdade e a criatividade de propor um número infinito de novos enunciados. Essa é uma característica possível em todos os sistemas linguísticos, visto que são as necessidades de comunicação que solicitam o surgimento de novos discursos.

Como forma de experimentar e avaliar a eficiência do método proposto para a criação dos sinais na Libras para os termos técnicos de moda, buscou-se confirmar se, a partir dos parâmetros existentes na Língua Brasileira de Sinais, é possível criar um conjunto de sinais que permitam representar termos da área da moda para apoiar os processos de ensino e aprendizagem em cursos superiores.

Para isso, foi necessário realizar uma entrevista com as alunas Rosa e Violeta, na qual elas puderam expressar como ocorria a criação de um sinal. A entrevista foi gravada em vídeo com a tradução simultânea da Libras para a língua portuguesa, na voz do intérprete. A seguir, a transcrição literal da visão das alunas acerca de como elas criam um sinal na Libras.

Bom não pode ser qualquer sinal não, precisa combinar, estar de acordo, certo. Por exemplo: precisa ver um nome que já tenha e ver se combina, com o sinal, com a imagem e com o que significa. E aí, tem que estar de acordo com o que significa, não pode ser algo que não esteja de acordo. Tem que buscar conhecer os sinais que já existem. Não é qualquer coisa, tem as regras de sinais que devem ser respeitadas: as configurações de mãos, a locação, os pontos de referência, o movimento, todas as estruturas da língua de sinais. (Rosa)

[...] bem eu entendo o sinal, por exemplo: um termo que eu não conheço da língua portuguesa, né? E daí eu fico vendo a palavra, não é bom ficar mostrando os termos das palavras na forma escrita, então na língua de sinais, quando eu vejo um sinal, fica mais fácil de adaptar e ver na língua de sinais fica mais rápido. Antigamente não havia quase essa invenção de sinal, essa combinação de sinal né? Ficava mostrando e escrevendo num papel, as palavras, e isso não era bom, então fica bem mais fácil a construção dos sinais, por exemplo: a "gola pierrô", como faz? Pela característica, porque lembra aquela gola do palhaço, aquela roupa usada no circo. Por exemplo: aquela "gola mandarim" ou "gola chinesa", lembra as roupas usadas na China, no Japão, e assim eu vou combinando o sinal. (Violeta)

A partir das respostas das alunas, percebeu-se que a construção do sinal ocorria por meio da associação e da observação das regras e parâmetros da Língua Brasileira de Sinais.

Ao realizarmos uma verificação detalhada em alguns sinais que foram propostos para os termos técnicos dos diferentes tipos de gola, foi possível identificar a existência da associação, dos parâmetros e configurações da Libras, conforme a Figura 3.

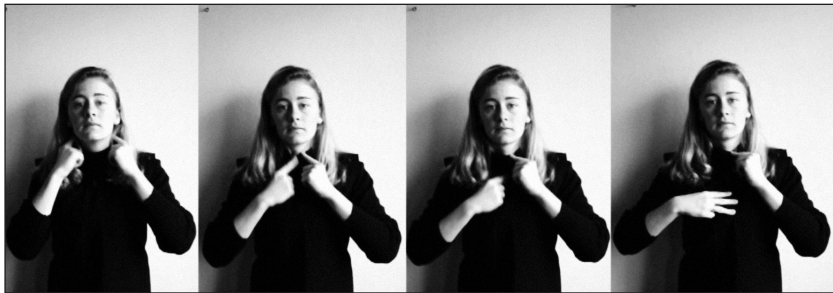


Figura 3: Análise do sinal criado para o termo gola polo. Fonte: Aline Machado

Sinal arbitrário, possuindo movimento com a condição de dominância, onde apenas uma mão, a ativa, se move, enquanto a outra serve de apoio. O ponto de articulação é no pescoço e depois desce em direção à altura do peito. A orientação das mãos é com a palma da mão em direção ao corpo. As configurações de mão utilizadas são as seguintes: 14 e 52. O movimento primeiro parte da lateral do pescoço em direção ao meio e depois a mão dominante movimenta-se para baixo na altura do peito.

Segundo Moresi (2003, p. 13), "a finalidade da atividade científica é a obtenção da verdade, por intermédio de comprovação de hipóteses, que por sua vez, são pontes entre a observação da realidade e a teoria científica, que explica a realidade."

[116]

A partir do cruzamento das respostas das alunas com a análise detalhada dos sinais criados por elas, pode-se afirmar que é possível a criação de sinais para os termos técnicos de moda.

Assim, o método proposto para a criação de sinais, tendo em vista proporcionar uma melhor acessibilidade comunicativa dos alunos surdos no ensino superior de moda, pode ser resumido em nove etapas:

- Conhecimento dos parâmetros e configurações para a criação de um sinal na Libras.
- Seleção dos termos técnicos de moda de acordo com o critério estipulado.
- Pesquisa dos sinais já existentes para os termos técnicos de moda selecionados.
- Preparação do material de apoio visual e descrição de cada termo técnico de moda que não contém sinal na Libras.
- Tradução dos termos da língua portuguesa para a Libras, por meio dos tradutores e intérpretes da Libras.
- Desenvolvimento dos sinais pelo aluno falante nativo da Libras.
- Registro dos sinais com vídeo, iniciando a filmagem pela datilologia identificando o nome do termo.
- Catalogação dos termos (tratamento das imagens, indicação das setas de movimento e desenvolvimento do desenho técnico do termo).
- Avaliação dos sinais com os alunos surdos e os intérpretes.

Para a avaliação do método, seguiu-se a orientação Thiollent (2000), envolvendo todos os participantes dessa ação. Desse modo, a mediadora, o grupo de intérpretes (Cravo, Margarida, Tulipa, Jasmim e Lírio) que atuou na mediação dos sinais para os diferentes tipos de gola e as alunas Rosa e Violeta.

Como critério de avaliação, foram definidas questões abertas para os participantes da ação, com a intenção de verificar a eficácia do método proposto para a criação de sinais.

Para os intérpretes, foram feitas as seguintes perguntas: Como você avalia o desenvolvimento de um método para a criação de sinais na Libras para os termos técnicos de moda? Qual é o resultado dessa ação na sua atividade de tradutor e intérprete no curso de Tecnologia em Design de moda da UCPEL?

A ação da criação dos sinais é uma ótima iniciativa e um trabalho muito importante para a área. Considero como um grande avanço na educação de surdos e na tradução para a língua de sinais, pois esse material proporcionará um grande avanço na área. (Cravo)

Ótima iniciativa, assim facilita a compreensão do surdo usuário da Libras. O resultado é positivo, pois geralmente teríamos que dar toda uma explicação visual para que o aluno entenda o que se está falando. Desta forma, como o aluno já possui o conhecimento do termo, o uso do sinal correspondente ao que se está falando ajuda na compreensão e na sinalização. (Margarida)

O método de criação de sinais é inovação na língua de sinais porque facilita o acesso dos alunos surdos no curso de moda, contribuindo para uma aprendizagem em igualdade de condições e com qualidade. Este método contribui significativamente para o trabalho de interpretação, pois facilita a tradução de termos e conceitos específicos da área do design de moda que não possuem sinal. (Lírio)

O método para a criação de sinais na Libras para os termos técnicos de moda é uma inovação na área, pois não tem sinais específicos na língua de sinais desses conceitos/termos utilizados na moda e não tendo estes sinais dificulta a tradução/intepretação dos profissionais tradutores intérpretes de Libras. Com a criação desse dicionário tanto para o profissional quanto para o aluno surdo ocorre uma maior clareza e entendimento dos conceitos e termos específicos da moda. Como, por exemplo, temos o sinal de "gola" somente, mas há diferentes tipos de gola como: gola pierrô, gola echarpe, gola padre, enfim, para esses termos nós ainda não tínhamos sinal e estes termos para quem é da área da moda faz toda diferença. (Tulipa)

Nos auxiliaram muito, pois fazer a datilologia (escrita da palavra) não resolve muita coisa, um sinal construído junto a um conceito com certeza tende a fazer com que a aprendizagem seja eficaz e fluida. (Jasmim)

Para as alunas Rosa e Violeta foram feitas as seguintes perguntas: Como você avalia a ação do desenvolvimento de um método para a criação dos sinais na Libras? Qual é o resultado dessa ação no seu processo de ensino e aprendizagem no curso de Tecnologia em Design de Moda da UCPEL?

Então, com relação à sala de aula, fica realmente mais complicado, porque tem vários termos na explicação que eu não consigo entender. No momento em que se está fora da sala de aula, na reunião entre eu e a professora, por exemplo, dá para se entender melhor, porque às vezes não há um sinal para aquela palavra específica, aí nesse momento em que há esse encontro a gente consegue combinar esse sinal. Fora da sala de aula, eu posso chamar a professora particularmente, para ela me ensinar, ali um pouco mais aprofundado sobre o assunto, algum trabalho, aí eu consigo entender melhor o que é para fazer e consigo fazer sozinha o trabalho. A criação dos sinais é muito boa, porque nós podemos criar os sinais, realmente são vários sinais, a gente acaba criando e utilizando na sala de aula, o intérprete também já acaba

sabendo, e eu consigo compreender melhor, fica melhor realmente, porque só na datilografia, não tem aquele certo significado para mim, aí fica complicado, tenho que esperar até a próxima reunião, para obter aquela compreensão, que eu não consegui entender nada em sala de aula. (Violeta)

Quando eu entrei no primeiro semestre foi bem difícil, porque eu não conhecia os termos específicos da moda e o intérprete também não. Não tinha sinal. Nós juntos com a professora combinamos de criar esses sinais. Como por exemplo: a palavra tecido, explicou o significado, a história e aí criamos o sinal para a palavra tecido e depois fomos criando outros sinais. E quando não existia a gente usava só a datilografia. A criação do sinal facilitou tanto para mim quanto para o intérprete. Antes combinava os sinais e depois aplicava na sala de aula e tinha o entendimento na língua de sinais. No futuro quando ingressarem novos alunos surdos e novos intérpretes, eles vão poder ir a biblioteca e pegar o dicionário e encontrar os sinais para os termos de moda. Isso vai ajudar e facilitar, pode pegar e levar para casa para se apropriar dos sinais. Se não houver determinados termos no dicionário irá chamar o professor e pedir explicação para criar os sinais. (Rosa)

[118]

As ações realizadas neste estudo proporcionaram além de um grande aprendizado sobre a surdez, a língua de sinais, a inclusão dos surdos no ensino superior, uma aproximação às alunas surdas, no que tange a sua diversidade cultural e linguística e me fez perceber que através de simples adaptações metodológicas e atitudes docentes é possível possibilitar aos alunos surdos, assim como aos alunos ouvintes, o direito ao ensino de qualidade, tendo suas diferenças respeitadas. (Aline Machado)

Após a análise dos depoimentos dos participantes da pesquisa observamos que esse estudo vem contribuir de forma inovadora para a acessibilidade e inclusão dos alunos surdos nos cursos superiores de moda.

As melhorias práticas alcançadas foram o acesso dos estudantes surdos aos conteúdos técnicos específicos do design de moda, facilitando o entendimento destes pelos alunos e a tradução pelos intérpretes.

Assim, por meio da construção de um método para criar novos sinais na Libras para os termos técnicos e específicos do universo da moda estar-se-á contribuindo para a acessibilidade comunicativa e educacional dos alunos surdos inseridos no ensino superior de moda.

[1] Esse método foi desenvolvido na pesquisa de mestrado que deu origem à dissertação *Proposta de método de criação de sinais na Libras para representar os termos técnicos específicos do design de moda*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design do Centro Universitário Ritter dos Reis, em setembro de 2013.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-lei n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta à Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 12 maio 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Microdados do censo da educação superior*. Brasília, 2011.

BROD JÚNIOR, M. *Engenharia de produção inclusiva: a linguagem gráfico-verbal, gráfico-visual e gesto-visual para atividades de produção*. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23931>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BRUNO, M. M. G. Políticas afirmativas para a inclusão do surdo no ensino superior: algumas reflexões sobre o acesso a permanência e a cultura universitária. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 92, n. 232, p. 542-556, set./dez. 2001. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/1941/1732>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

CARMOZINE, M. M.; NORONHA, S. C. C. *Surdez e Libras: conhecimento em suas mãos*. São Paulo: Hub Editoriak, 2012.

ENRICONE, D. (Org.). *A docência na educação superior: sete olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FACÍON, J. R. (Org.). *Inclusão escolar e suas implicações*. Curitiba: Ibpex, 2008.

GESSER, A. *O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender Libras*. São Paulo: Parábola, 2012.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 17 mai. 2013.

MASETTO, M. T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. M. C. (Org.). *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*. São Paulo: Mackenzie: Cortez, 2012, p. 79-108.

MINAYO, C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORESI, Eduardo. *Metodologia da pesquisa*. Mar. 2003. Disponível em: <<http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2013.

QUADROS, R. M.. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. O "Bi" de bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUZA, O. C. Aprender e ensinar: significados e mediações. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. M. C. (Org.). *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*. São Paulo: Mackenzie: Cortez, 2012, p. 35-60.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2000.

TREPTOW, D. *Inventando moda: planejamento de coleção*. Brusque: D. Treptow, 2007.

TRIPP, D. Pesquisa-Ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2013.